



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO
Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

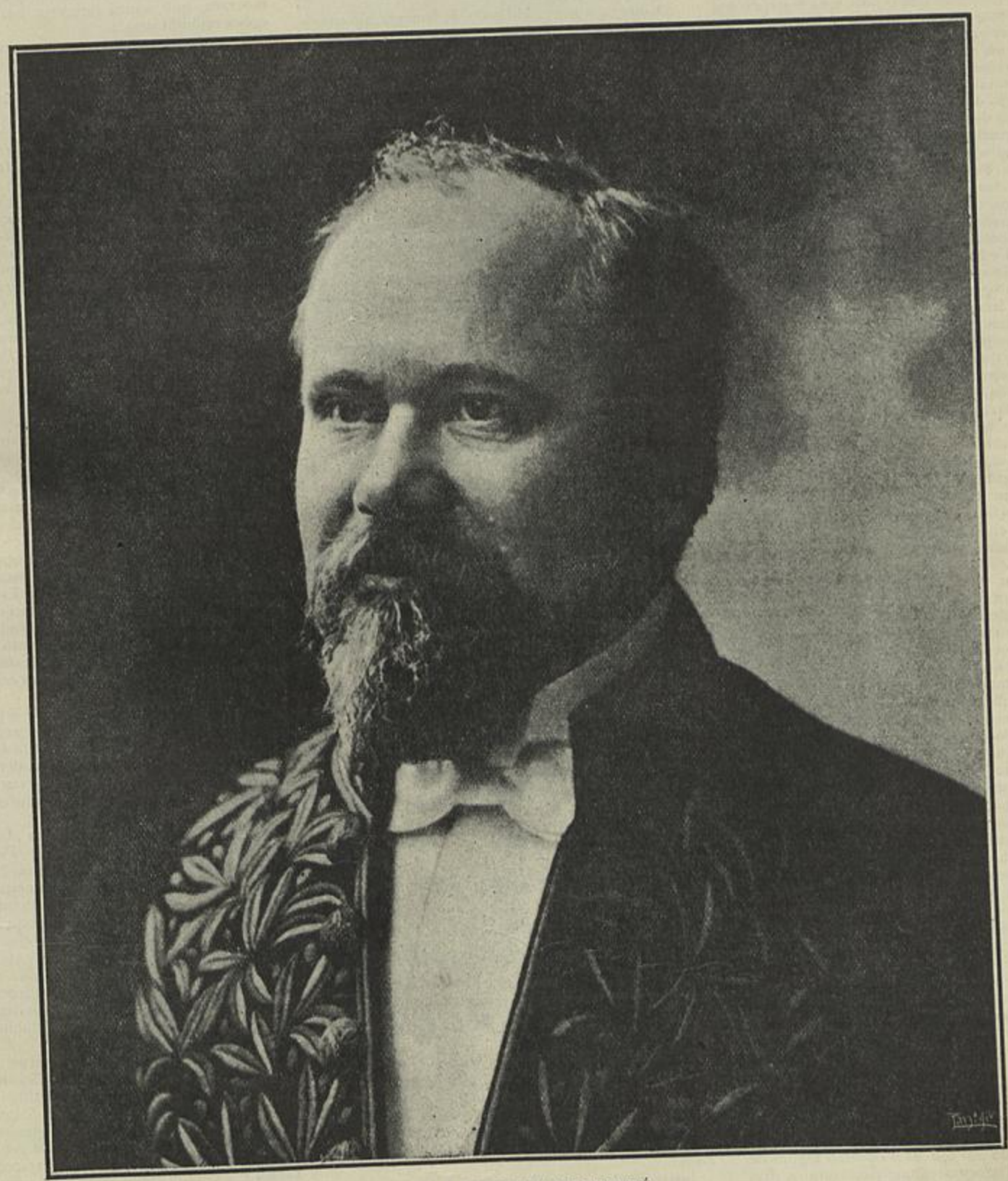
Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. a n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—

36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1228

10 de Fevereiro de 1913

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.



M. RAYMUNDO POINCARÉ
PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA FRANCESA — Veja artigo PELO MUNDO FÓRA
(De fotografia)

CRONICA OCCIDENTAL

Embiocado no manto-cinza da distancia, lá se afasta, meio-morto, a passos trôpegos e fugitivos, o velho Carnaval. Tudo o que á sua vinda, a Crónica profetisára, se realizou precisamente...

Excèpionalmente amavel, julgando incender, dum mais vivo alcool nevroseante de folia, as almas amantes que o aguardavam, com mãos trémulas e gizadas, rasgou, de alto a baixo, o veu do templo da Primavera graciosa.

Em vão. O Carnaval só encontrou na sua passagem almas que por varios motivos não no souberam compreender; como era de esperar, não puderam fugir ao determinismo imperioso que lhes impunham as condições de momento. Como exigir uma alegria fina, leve, requintada, rica, de creaturas brancas, pelintras, congestionadas de lscas e carrascão?...

Por quê pedir um Carnaval de Veneza republicana, mas aristocrática, luxuriante, espirítual, a Lisboa onde a suja rua republicana predomina, o Portugal que não sabe rir com espirito, mas gargalhar com estrondo?... Em vão.

Por isso dissémos que o povo que festeja o seu Carnaval, traça a caricatura crúelmente verdadeira da sua vida. O Carnaval festejado fala na aridez ou vitalidade do seu espirito, da riqueza ou reles pelintra da sua bolsa, e da sua maneira de encarar os factos do dia corrente. A manifestação do Carnaval que ora lá vai, não podia ser mais desoladora. E esta crise de economia e de espirítualidade não caracteriza sómente — valha-nos isso — no momento presente, o nosso bem amado Portugal. Um illustre cronista dum dos mais lidos jornaes da nossa vizinha Espanha, fala-nos, afinando pelo mesmo diapásão, do Carnaval madrileno. Será que estes agoirentos sintomas prenunciam a morte proxima do entrudo folião e brêgeiro doutros tempos?

Talvez. Ha quem assim o profetise.

No entanto, não é sem magua e nostalgia que nós vemos irem emurchecendo, pouco e pouco, as nossas mais enraizadas tradições.

Não é que nós façamos a apologia desse Carnaval chué, que para ahí farandolou, pelas ruas da cidade, parva e porcamente.

Sem duvida, se o Carnaval vascojeia na agonia, não seremos nós quem tente reanimá-lo. Não estacámos embevecidos e estupefactos de admiração, ante o famoso carro-réclame da *Casa das Bengalas*, com palhaços de aluguer, crinas loiras compridas e cara besuntada, rebentando cornetins num terno desafinado; não nos babámos de emoção e gula, ante as carroças galeras de meninas-chéché pelintras e piresinhas, lançando saquinho de tremôço e *cocotes* de seradura. Não.

Os quadros vivos do espectáculo carnavalesco não enlevaram o espirito, nem o sentimento; não revelaram beleza, nem espirítualidade. E' certo. Nem graça, nem pompa. Foi uma festa dionisiaca baratinha. Foi uma festividade de libertos. Isto só quer dizer que o farfalheiro entrudo correu na logica dos tempos.

Foi a amplificação grotesca do povo.

E se nos permitem que torçámos, num sentido marôto, a bela palavra — democracia — díremos que o Carnaval se democratizou inteiramente. O decaimento das festas tradiçónais já, ha muito tempo, se acentúa.

O grosso povo sempre se diverteu, a seu modo, mais ou menos, nestas festas de tradição. E não as achava insulsas, porque eram a seu sabôr. E não as achava estupidas, porque decorriam na exigência do seu espirito.

Não invadia balizas, nem impunha gôstos.

Outr'ora, a par das festas borborinhosas da rua, realisavam-se festas no recato dos salões, onde o bom-gôsto se aprimorava, e o espirito assumia requintes e exigências escrupulosas.

Um distinto e bem-intencionado jornalista da nossa muito querida Lysia desperta estremunhado da embriaguês folião do carnaval e arremeça punhos irritados e esvurma arrelias biliosas contra este convencional interregno em que os negocios publicos se suspendem, a politica se paralisa e a representação nacional ferfa gososamente.

Time is money — é o seu grito.

Creemos que o illustre foliculario exagera e difficilmente terá de sua louvavel opinião alguns de seus amigos parlamentares que passaram os dias divertidos, por bortas suburbanas, de braço dado a mocinhas garridas, de *travesti* gracioso e galante.

E não será assaz elogiavel que os nossos curio-

soz políticos ponham em circulação esses ridiculos 3.333 réis que, dia a dia, lhes vai pingando nas algibeiras, ganhos, custosamente, a bocejar nas casas do parlamento?

E não será porque os nossos trabalhados politicos tanto se esfalfam afincadamente a estudar nos seus recatados gabinetes os altos problemas que requerem solução urgente, — que as casas do parlamento se fechem por falta de numero de senhores-illustres occorrentes?...

Creemos, pois, que o notavel articulista exagera.

O carnaval não seria tão mau como o pintam. Até o Sr. Afonso Costa brincou, entre hesitante e aborrecido, duma das janelas da Casa Africana...

Emfim, chegou a santa quaresma — se o senhor ministro da justiça nos permite a expressão.

E ao expulsar, com dedo hirto e ascetico, o Entrudo folgado e trôpego, algo de notavel a caracterizou, no ano decorrente. Depois de desfivelar as mascaras e rasgar os trapalhinhos de disfarce dos foliões insatisfeitos, arrancou solenemente o capus — essa mascara infamante — aos penitenciarios que festejam, por todo o longo ano, dia a dia, nos cacifos escuros, o seu carnaval goyesco e lugubre.

Começa a ser modificado, felizmente, no nosso paiz, o regimen penitenciario. No dia 6 deste mês, uma concorrência extraordinaria affluu para as bandas de Campolide. Automoveis, carruagens, magotes de gente acorriam ao edificio da Penitenciaria.

Os visitantes amontoavam-se em frente dos anfiteatros. E na presença dos senhores ministros das finanças, interior e justiça, ao silvo dum apito, os presidiarios arrancam os capuzes que asfixiam. E olham-se estremunhados... E sorriem melancolicos... E alguns curvam a cabeça triste sobre o peito, como se a quizessem esconder em azas que a natureza emprestasse áqueles bipedes engaiolados...

Emfim, o carnaval, da tradição já lá vai!

Agora, regresso o carnaval normal, o carnaval quotidiano que não é, nem menos divertido, nem menos sintomatico.

O enorme polvo da politica tenteia e envolve tudo.

Se a politica é um meio proficuo de renovação nacional, é tambem um excelente acumulador de economias individuais. Os nossos homens publicos sabem isto. E tanto assim é, que não desfitam os olhos, uns dos outros. Nos jornaes partidarios, nos colloquios de café, contam-se os botões das casacas, analisa-se o lustro dos chapeus-altos, numeram-se os empregos, examinam-se os gestos, calculam-se os proventos. E os pequeninos fura bolos dos bastidores occultos do jornalismo arreliam-se, espumam veneno, e ferrôam traiçoeiramente. Vêem, contorcidos em raiva impotente, que os antigos camaradas de labuta, sobem, esgalgam, comem á regalona, e deslisam pelos brodios noturnos. E ferrôam ás occultas. Quando o publico espregia, então envergam um aspecto solene e afivelam uma mascara de compunção e fazem moralidade.

E os senhores da situação — nem para elles se dignam de olhar, e todos os elogios que lhes façam, os tomam, como justamente merecidos, e todas as catilnarias que lhes atirem, as tomam, como esguichos de inveja imbecil.

E engordam para salvação da Patria...

ANTONIO COBEIRA.



PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

ELEIÇÃO DO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCÊSA

No dia 17 de janeiro, a *Assemblée de Versailles* elegeu novo presidente da republica francesa o sr. *Raymundo de Poincaré*, que occupava o lugar de presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros da França, sendo uma personalidade de reputação universalmente reconhecida.

Jurisconsulto notavel, entrou na politica aos 27 annos como deputado. Foi ministro da instrução publica, publicista de raro merito, e faz parte da Academia.

Antes de falar da sua eleição, procuraremos

dizer algumas palavras ácerca dos oito antecessores do sr. Poincaré.

O illustre auctor da *Historia do Consulado e do Imperio*, o negociador da paz entre a França e a Allemanha, foi o primeiro presidente da republica francesa.

Eleito em 1871, demittiu-se em 1873. A sua acção consistiu especialmente em libertar o paiz do dominio estrangeiro e attrahir ás ideias republicanas um grande numero de cidadãos não filiados em partidos politicos.

Sucedeu a Thiers o general *Mauricio MacMahon*, vencedor das cabildas argentinas, caudilho prestigioso, que na Criméa commandou o assalto da torre de *Malakof*; que em *Magenta* contribuiu para a derrota dos austriacos, e que na guerra franco-prussiana teve a infelicidade de ser vencido.

Accentuadamente conservador, a sua aspiração era pacificar os espiritos e restabelecer a ordem moral. Vendo fracassar o seu proposito, abandonou a presidencia em 30 de janeiro de 1879.

Nesse mesmo dia recebeu *Julio Grévy* o mandato que lhe foi novamente concedido em 28 de dezembro de 1885, em attenção ás suas altas qualidades de jurisconsulto insigne e profundo democrata, que nunca interveiu nas luctas das facções republicanas.

O escandaloso processo instaurado contra seu genro *Wilson*, em consequencia da denuncia da venda de condecorações, obrigou J. Grévy a renunciar á presidencia após dois annos de reeleição.

Subiu então áquelle alto logar em 3 de dezembro de 1887 o engenheiro *Francisco Sadi Carnot*, que em 24 de junho de 1894 foi assassinado em Lyon pelo anarchista Caserio.

Carnot distinguio-se pelo seu caracter imparcial. A sua maior gloria foi a *Exposição Internacional*, realisada em Paris, em 1889; não sendo menos para admirar a sua intervenção no famoso *processo de Panamá*, cujos salpicos de lama nunca attingiram a sua nobre figura.

Casimiro Perier, successor de Carnot em 27 do mesmo mez de junho, auctorizou a declaração de guerra contra *Madagascar*, mas recuou perante a onda negra do *processo Dreyfus*, cujas responsabilidades não quiz assumir, abandonando a presidencia e a politica activa em janeiro de 1895.

O seu posto é occupado em 17 desse mez e anno por *Felix Faure* commerciante do Havre, a quem, pela sua origem e pelas suas sympathias, chamaram o *presidente operario*. No seu governo a França adquiriu o dominio de Madagascar e consolidou a sua *entente* com a Russia.

F. Faure falleceu d'uma congestão cerebral em 16 de fevereiro de 1899.

Mr. *Emilio Loubet* — que em outubro de 1905 nos deu a honra de visitar a nossa capital (1), visitando tambem a capital da Espanha — foi presidente durante os sete annos que a Constituição estabelece terminando o mandato em 1906. Foi no seu tempo que o parlamento approvou a lei de *Separação da Igreja do Estado* e que, ao mesmo tempo, fôram expulsas as *congregações religiosas*.

O acto de maior relevo durante o periodo presidencial de Mr. *Armando Fallieres*, eleito em 17 de janeiro de 1906, foi o *tratado sobre Marrocos*. A mudança de sultão, o incidente de *Agadir* e os successos de campanha contra as tribus marroquinas são ainda muito recentes, não carecendo de serem recordados.

No dia 17 do mês passado, a *Assemblée de Versailles* elegeu Mr. *Raymond Poincaré*, 9.º Presidente da 3.ª Republica Francêsa, em segundo escrutinio, porque no primeiro a maioria absoluta era de 435 votos e o sr. Poincaré obteve apenas 429 votos. Na segunda votação teve 483 votos, com uma maioria de 187 votos.

Não cabe aqui a narração d'essa tremenda lucta presidencial, que, todavia, não se pareceu em nada com a campanha presidencial que no anno passado se desenrolou na America do Norte entre Taft e Roosevelt a da qual sahio victorioso Woodrow Wilson.

Forçoso é porém registar a enorme actividade desenvolvida por Clemenceau e Combes a favor da eleição de *Pam*, que na primeira eleição obteve 327 votos e na segunda 296, como candidato radical socialista. O sr. Clemenceau que se gaba de ter *coroadado Sadi Carnot presidente da republica francesa*, segundo o testemunho de *Camille Pelletan*, num celebre quarto do *Hotel*

(1) Veja-se o OCCIDENTE d'esse anno, n.º 965 a 967, onde pormenoradamente se descrevem as festas dadas em homenagem ao nosso illustre visitante, e cujo brilho ainda perdura na memoria de todos.

des Réservoirs, residencia de Madame de Pompadour, em Versailles, não podia admittir (e com elle Combes, Monis e Caillaux) a eleição d'um presidente pela direita, exigindo a retirada da candidatura de Poincaré nas aras da união republicana. O presidente do conselho de ministros não se deixou convencer e insistiu na sua candidatura, para cujo exito á ultima hora contribuiu eficazmente o sr. Briand, que abalou as hostes da esquerda a favor de Poincaré, pois que na sua reunião plenaria, em 748 inscriptos e com 646 suffragios, deu a Pam 313 votos e a Poincaré apenas 309, correndo logo por toda a França a victoria d'aquelle.

Calcule-se a tristeza que d'ahi a pouco se apoderou dos contreraneos de Pam ao saberem da sua derrota. Fogo de vistas, festas ruidosas, brindes acalorados, esperanças no porvir, tudo se desmoronou perante o jubilo de Poincaré e dos seus amigos, da França e do mundo, que vê nelle um homem de raro talento, de ampla e solida cultura, de vontade firme e de bem provado patriotismo, reunindo todos os elementos que a oportunidade exige para a reconciliação das opiniões moderadas com as instituições republicanas.

O sr. Poincaré estava naturalmente inclinado para succeder ao sr. Armando Fallières, não só pelo seu passado politico, mas tambem pela forma como desde ha um anno desempenhou o espinhoso cargo de presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros.

A sua politica foi de moderação, no interior; no exterior procurou sempre levantar o prestigio da sua nação, conseguindo levar a cabo, com rara felicidade, as negociações com a Espanha ácerca de Marrocos. Todos teem admirado a notavel sagacidade do sr. Poincaré durante a crise gravissima por que tem passado a politica internacional, que a guerra dos Balkans mantem em constantes sobresaltos, e para cujo equilibrio, embora instavel, muito concorreu a voz auctorisada d'aquelle que, como chefe do Estado, vae, em 17 do corrente, occupar o palacio do Elyseu — o sr. Raymundo Poincaré, jurisconsulto distinctissimo, litterato e estadista.

Entrou na politica em 1887, foi ministro da instrucção publica e das finanças. Em 1880 distinguio-se como advogado em Paris, chegando a ganhar, dizem, sessenta contos de réis por anno. Adquiriu fama de orador e de escriptor, entrando em 1909 na Academia. Nasceu em Bar-le-Duc em 20 de agosto de 1860. Casou com Madame Henriette Benucci, uma senhora de origem italiana, distincta pela sua rara belleza e acrisoladas virtudes.

FALLECIMENTO DE D. SEGISMUNDO MORET,
PRESIDENTE DO CONGRESSO ESPANHOL

No dia 28 de janeiro foi a nossa vizinha Espanha dolorosamente surpreendida pela morte d'uma das figuras mais em foco na politica d'aquella nação — D. Segismundo Moret, presidente do Congresso, o qual pouco antes adoeceu com gripe.

Moret nasceu em Cadiz a 2 de junho de 1838; formou-se em jurisprudencia na Universidade Central, onde pouco depois regeu a cadeira de *instituições da fazienda publica*, que obteve mais tarde por concurso. Sentindo especial predilecção pelos estudos economicos e sociaes, fez parte do grupo dos livre cambistas, de cujas ideias foi activo propagandista.

Aos 25 annos foi eleito deputado por Almadén, sem côr politica; mas a verdade é que em 1863 era elle que no Congresso defendia acaloradamente as ideias liberaes. Em 1867 fez no Atheneu seis conferencias sobre *Historia da Economia Politica* que lhe augmentaram a reputação. Figurou nas Constituintes de 1869 e em 1870 entrou no gabinete de Prim, como ministro das colonias, assignando a Constituição e a abolição da escravatura em *Puerto Rico*. No reinado de *Amadeu*, organizou o orçamento de 1871-1872, como ministro da fazenda. Esteve como embaixador em Londres, e, feita a Restauração, regressou á patria, formando, em 1879, o partido da esquerda dynastica.

Ministro do interior com Posada Herrera, abraçou a mesma pasta no ministerio Sagasta. Em 1893 e 1894 foi ministro dos estrangeiros; das colonias em 1897; do interior em 1901; presidente do Congresso no mesmo anno, e novamente ministro do interior em 1902.

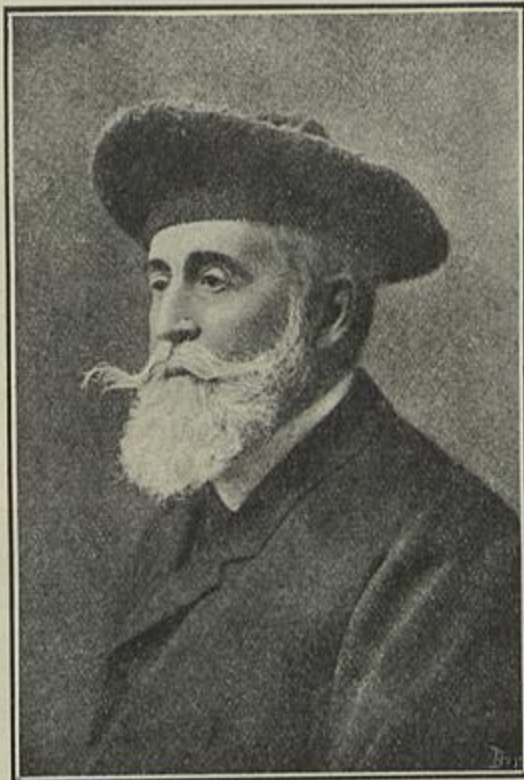
Era chefe do partido liberal quando em dezembro de 1905, após a demissão do gabinete de Montero Rios, foi chamado para formar ministerio, mantendo-se no poder até fevereiro de 1906.

Em junho d'esse anno é novamente presidente

do ministerio, mas no mês seguinte succede-lhe Lopez Dominguez.

Nos momentos graves da politica espanhola, a voz de Moret era ouvida com manifesto interesse. No verão passado, ao fazerem-se previsões sobre quem succederia a Canalejas na presidencia do ministerio, a esquerda parlamentar indicava Moret para aquelle logar. Após o attentado de 2 de novembro, que derrubou Canalejas para o tumulo, falou-se ainda mais insistentemente no nome de Moret para lhe succeder, mas D. Afonso XIII inclinou-se para Romanones, actual presidente do conselho.

Moret, a 19 de novembro, foi eleito presidente do Congresso por 300 votos.



D. SEGISMUNDO MORET

D. Segismundo Moret, em quem a Espanha acaba de perder um dos seus mais valiosos elementos politicos, era um orador elegante, suave, persuasivo, de voz bem timbrada, de figura arrogante e sympathico; eloquente pelo pensamento, pela palavra e pelo gesto.

Ainda não se apagou a resonancia do seu monumental discurso pronunciado em Zaragoza em junho de 1907 sobre a politica espanhola.

MORTE DO ARCHIDUQUE RÉNIER

Falleceu em Vienna, a 29 de janeiro, o archiduque Rénier, que nasceu em Milão a 11 de janeiro de 1827. Era filho da princesa Elisabeth, de Saboia, e primo do imperador Francisco José, tendo casado em 1851 com sua prima a archiduqueza Maria Carolina. Ambos eram primos coirmãos da archiduqueza d'Austria, Maria Luiza, imperatriz dos francezes, filha de Francisco II, imperador da Allemanha, e que em 1810 casou com Napoleão I. Leopoldo II, pae do archiduque Rénier, era irmão de Francisco II, pae de Maria Luiza.

O archiduque Rénier era tio do rei Umberto e, portanto, tio-avô do actual rei de Italia. Foi o unico principe da casa dos Habsburgo que por varias vezes representou oficialmente em Roma o imperador da Austria.

Na sua mocidade serviu no exercito, tendo tomado parte na batalha de Custoza. Mais tarde consagrou-se a questões politicas e philantropicas, ás artes e sciencias. Era membro de diferentes academias austriacas e estrangeiras, e exercia ainda o cargo de administrador da *Academia Imperial das Sciencias de Vienna*.

Lisboa, 5 - 2 - 913,

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Não se deve escrever n'um momento de colera. Uma frase é muitas vezes mais terrivel que uma punhalada!

22.º aniversario do 31 de Janeiro

O 31 de Janeiro é hoje oficialmente dia de gala na Republica Portuguesa e, como tal, dia de festa em todo o pais.

Celebrando esta data o movimento militar que, em 31 de janeiro de 1891, ergueu o primeiro grito de revolta para a proclamação do novo regimen, foi, sem duvida, a aurora daquele dia, na Cidade Invicta, a precursora da Republica em Portugal, que vinte anos depois, em 5 de outubro de 1910, uma revolução em Lisboa finalmente implantou.

A cidade do Porto cabe evidentemente a melhor parte da festa na comemoração daquele dia, e para que a sua significação fosse ainda mais elevada, este ano, Sua Ex.ª o Presidente da Republica, foi ali pessoalmente prestar a sua homenagem como prova da alta consideração que ao Chefe do Estado, representante do pais, merece o heroico povo portuense.

Assim, a cidade revestiu-se, no dia 30, de suas melhores galas para receber o sr. dr. Manuel de Arriaga e, desde sua chegada á estação de Campanhan, onde era esperado por todas as autoridades e enorme concurso de pessoas de todas as classes, até o palacio da Bolsa, onde teve lugar a recepção official, as aclamações entusiasticas não cessaram, ao Chefe do Estado, aos srs. dr. Afonso Costa e ministro do interior, que o acompanhavam, sendo em todo o trajecto victoriado pela multidão, quer na rua quer das janelas, vistosamente ornamentadas e donde senhoras deitavam flôres sobre o automovel do Sr. Presidente, dando-lhe palmas e acenando-lhe com lenços.

Lento caminhou o cortejo atravez as ruas por onde o povo se acumulava em massa. Mais de uma vez teve que deter-se o automovel da presidencia, como foi perto do cemiterio do Repouso, onde uma velhinha, rompendo por entre a multidão, veio oferecer um grande ramo de flôres ao sr. dr. Manuel de Arriaga.

Na avenida Rodrigues de Freitas pára o cortejo para receber as aclamações dos alunos do Collegio dos Orfãos acompanhados pelo seu director, rev. J.º Manuel Guimarães, e pela banda do mesmo collegio que tocava a *Portuguesa*. No jardim de S. Lazaro, estão formadas com as suas bandeiras escolas paroquiaes, cantando as creanças o hino nacional e dando vivas.

A chuva miuda que insistentemente cae, não impede o entusiasmo da população.

Chegado ao palacio da Bolsa, onde o Sr. Presidente é hospedado, ali se realisou a recepção, que começa pela camara municipal, seguindo-se, as autoridades judicias, officialidade de marinha e do exercito, consules, professorado, delegados de associações, etc.

Depois desta recepção realisou-se outra nos Paços do Conselho, onde o presidente do municipio, sr. Xavier Esteves, leu uma mensagem de saudação ao Chefe do Estado.

Às 7 horas foi o banquete no palacio da Bolsa onde levantou o primeiro brinde o sr. Xavier Esteves, aproveitando a ocasião para fazer sentir ao Chefe do Estado a justiça das reclamações da cidade com respeito a melhoramentos publicos e especialmente ás obras do porto de Leixões.

Este brinde deu motivo a que o sr. dr. Afonso Costa declarasse que aquelas obras hão-de efetuar-se o mais breve possível, «pois já tinha um projéto para obter os recursos necessarios para as mesmas; contava, porém, que os portuenses ajuntariam os seus esforços á boa vontade dos poderes publicos».

E' bastante lisongeira esta declaração do sr. presidente do governo.

A recita de gala, a que assistiu o sr. dr. Manuel de Arriaga com os dois ministros que o acompanhavam e pessoas da melhor sociedade portuense, decorreu muito animada, sendo o Chefe do Estado muito ovacionado.

O dia 31 foi o grande dia da festa nacional. A alvorada annunciou-se por numerosas girandas de foguetes e salvas de morteiros. Por toda a cidade correu um fremito de festa e, apesar da chuva ter prejudicado bastante o seu maior brilho, os numeros do programa realisaram-se, principiando pela visita do Sr. Presidente ao monumento das victimas do 31 de Janeiro, onde Sua Ex.ª depôs uma corôa de flôres artificiaes enlaçada de fitas de seda verde e vermelha com a seguinte dedicatória: *Aos martires da Republica — 31 de janeiro de 1891 — O presidente da Republica — 31 de janeiro de 1913*.

Realisou-se o cortejo civico que, pela sua imponencia, foi o melhor numero do programa. Nele tomaram parte, além das autoridades, todas



NO PORTO — A PASSAGEM DO CORTEJO NA PRAÇA DA REPUBLICA — SUA EX.ª O PRESIDENTE DR. MANUEL DE ARRIAGA, ASSISTINDO DUMA DAS JANELAS DA CAMARA, À PASSAGEM DO CORTEJO

as corporações da cidade, representadas por seus delegados, desde as scientificas até ás associações populares, filarmônicas e bandas regimentaes, batlhões voluntarios, e contingentes de forças militares. Este cortejo, organizado na praça da Republica, seguiu até o cemiterio do Repouso em continencia ao monumento das vitimas do 31 de Janeiro.

Das janellas dos Paços do Concelho, assistiu o sr. dr. Manuel de Arriaga á passagem, do cortejo sendo muito aclamado pelo povo.

Neste dia foi inaugurado pelo Sr. Presidente, o Museu Municipal; depois visitou o hospital da Misericordia e fez entrega de uma bandeira ao corpo de policia.

Foi no meio das mais calorosas aclamações que Sua Ex.ª regressou a Lisboa, eram 5 horas da tarde, acompanhado pelos srs. presidente do governo e ministro do interior.



CHEGADA DE SUA EX.ª O PRESIDENTE AO PALACIO DA BOLSA
(Clichés C. P. Cardoso)

Em Lisboa foi muito festejado este aniversario, principalmente por todas as associações e centros politicos, onde se realisaram sessões solenes, predominando os centros escolares, em que mais se distinguiu a *Escola 31 de Janeiro*, que realisou uma festa no teatro Republica, generosamente cedido pelo empresario sr. visconde de S. Luís de Braga, que tem sido um dos prototores desta escola.

Ali se reuniram os cento e tantos alunos em uma sessão magna, a que presidiu o sr. governador civil dr. Daniel Rodrigues, secretariado pelo sr. Luís Filipe da Mata.

Depois dos discursos pronunciados pelos srs. dr. Daniel Rodrigues e visconde da Ribeira Brava, o sr. Luís Derouet, que tem sido a alma desta instituição escolar, leu o relatório, que mostra bem os progressos que esta escola tem fei-



EM LISBOA—A DIRECÇÃO DA ESCOLA «31 DE JANEIRO». SENTADOS: FRANÇA BORGES, DR. DANIEL RODRIGUES, GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA E LUIZ DEROUET
EM PÉ: GREGORIO FERNANDES E CARLOS TRILHO — OS ALUNOS DA ESCOLA «31 DE JANEIRO», PREMIADOS

O Carnaval em Lisboa



CARRO CARNAVALESKO COM A FAMILIA DO SR. JOSÉ TEIXEIRA — O SR. GIUSEPPI LEVY NA PEÇA CARNAVALESKA «MEIA DESFEITA»

to, sendo certo que neste ultimo ano se tornaram dignos de premio 15 alunos, aos quaes foram entregues os respectivos diplomas,

Esta e outras festas altamente significativas, constituiram a melhor comemoração daquela data historica, a melhor festa nacional para a celebrar.



Homem apaixonado é como passaros com visco: quanto mais se debate mais se prende.

O Carnaval em Lisboa

Quem diria, em sabado gordo, sob uma atmosfera invernosa, de chuva e vento, alastrando pela cidade um mar de lama e resfriando todos os desejos de folgar, quem diria que o Carnaval em Lisboa mais animado, mais folgasão, deixaria a perder de vista os dos ultimos anos.

O tempo é que operou o milagre, pois de in-

verno que esteve até sabado, desbancou se logo no domingo de manhan com um sol brilhante em ceu azul, despejando a alegria de sua luz nas almas entristecidas, e então tudo foi folia por essa Lisboa, que se animou como por encanto.

A maior parte da população veio para a rua gosar os lindos dias de uma primavera precoce, e saciar a curiosidade de ver as mascaras e as extensas filas de carruagens, automoveis e carros de toda a especie, enfeitados ou não, que desde o largo das Duas Igrejas desfilavam pelo Chiado, Rocio e Avenida até á Rotunda, numa continua



OS ALUNOS DA ESCOLA DE ARTE DE REPRESENTAR, NA PEÇA CARNAVALESKA «MEIA DESFEITA» — (Clichés A. Lima)

volta, durante mais de seis horas, no domingo e terça-feira.

Nessa extensa linha de carros alguns se apresentaram enfeitados, como o dos réclamos da Casa das Bengalas, do theatro da Avenida, dos srs. Martins & Rebelo anunciando a manteiga *União*, do Rocio *Palace*, do Club Recreativo Lusitano, da Juventude Galaica, e outros de particulares, como os das famílias Salgueiro, Marques, Teixeira, etc., conduzindo senhoras e crianças, algumas vestidas á moda do Minho, e todas em trajes de côres alegres, misturando se com o vivo colorido das flôres de que se ornavam e, em renhida batalha, arremessavam de uns carros para outros, de mistura com *cocotes*, fitas serpentinhas e *confetis*, como é proprio de Carnaval civilisado.

De facto todos aqueles dias decorreram animadissimos, não constando que houvessem disturbios de maior.

Nos theatros, nos animatografos e bailes de mascaras a mesma animação e, para que se não diga que as mascaras de espirito brilharam pela ausencia, houve quem notasse uns tres mascarados, figurando terem chegado do Brasil, cada um com seu papagaio, que muito sinceramente perguntavam a uns e outros:

— O sr. sabe dizer-me onde móra o sr. dr. Afonso Costa?... Trago do Brasil este papagaio para êle, que lhe manda o sr. dr. Bernardino Machado...

O Carnaval no «Conservatorio»

Devido á boa vontade do aluno Othello de Carvalho duas vezes celebre, pelas suas demonstrações escolares e pela sua gordura, realisaram-se tambem este ano as recitas de Carnaval no Conservatorio.

Não houve dificuldade que não fôsse superada, se não com felicidade pelo menos com graça.

A representação realisou-se á maneira antiga, sobre um estrado, mais em atenção á inspecção dos incendios do que a razões de arte.

A *meia desfeita*, a revista de Othello e Baptista Ripado, agradou, havendo alguns numeros bisados e salientando-se em varios papeis os alunos D. Beatriz Baptista, D. Justina de Magalhães, D. Sarah Lima, Ayres Torres, Baptista Ripado, Sequeira, Giuseppe Levy e Othello de Carvalho. Os bailes que se seguiram ás duas recitas decorreram animadissimos no meio da mais entusiastica alegria.

FORTUNIO.

A Carlos Reis

A proposito da exposição de pinturas no salão do jornal «A Lucta» encerrada em 6 de janeiro de 1913.

Meu caro amigo

Quasi ao fechar da exposição dos interessantes trabalhos de seus discipulos os srs. Saude e Trigo, foi que tive occasião de me servir do convite que v. ex.^a, com aquelles cavalheiros, amavelmente me enviou, para assistir á abertura de tão agradável certamen.

Chamo-lhe assim, por que nos ultimos tempos a arte da pintura tem revelado aqui uma certa e bem accentuada intensidade de vida.

Como o Carlos bem sabe sou da mais rude ignorancia dos principios por que se rege uma das mais bellas, e uma das mais perduraveis manifestações do talento, da pericia e do sentimento d'esses privilegiados, que pelo pincel e pela côr sabem reproduzir nas suas proporções e estrutura as fórmulas das cousas reais ou idiais, com que nos transmittem, com um grande poder de sugestão, as impressões que a sugeriram, e presidiram á feitura da obra d'arte.

Já vê com que pobre bagagem de preparação eu poderia ver e sentir os trinta e quatro ou trinta e seis quadros, ou trabalhos expostos; no entanto, não devo deixar de lhe dizer que me interessaram muito certas pinturas de paisagem minha conhecida.

Não sou algarvio, mas por duas vezes estive no Algarve com maior demora: já lá vão mais de vinte annos; da primeira, mezes em Lagos, e da segunda, por mais de seis annos, em Loulé; e por isso me interesse por tudo que me recorde aquella bella provincia, onde é tão intensa e esplendente a luz do dia, como são serenas, tepidas

e luminosas as noites; onde noivam, em orgias de floração em pleno inverno, os extensos amendoados, estrelados de virgíneas alvuras, ou de sorrisos de pejo; onde o alvejar das habitações, como em vizio de sonho, de subito se recortam sobre a superficie mansa do oceano d'um profundo azul; onde titanicos esculptores desagregaram da costa uns gigantescos monolithos, que, silenciosos e inabalaveis, parecem conter em respeito as ondas buliçosas que veem adormecer-lhes aos pés; onde os rozeirais alegrem todas as estações: e na exposição ha muitos quadros, que me avivaram tão boas e saudosas recordações d'aquelle tão desconhecido Algarve a quem por vezes eu perguntava:

— Porque não tens pintores?

E tão subjectivas são estas minhas impressões, que não sei bem dizer-lhe quanto de enternecimento produzem, em nossa alma, que tem para mais de tres quartos de seculo, os reflexos de um passado já distante; e ao fim de tanto vêr e de tanto sentir não me encontrei na posse de um bem definido criterio para justificar o que senti, e só posso concluir dizendo: Vi e gostei.

Era o Baixo Algarve aqui á mão, e para o gosar e sentir não foi preciso mais de que ir da rua do Salitre ao palacio do Calhariz.

Em algumas cousas que tenho accidentalmente lido sobre pintores ou pinturas falla-se muito em processos, em escholas, em technica, em generos, estilos, etc.; e eu que nunca soube desenhar cousa, que, ao menos, podesse parecer-se com um boneco, nunca pude entender-me com tal technologia para mim tão incomprehensivel como as taboas pos logarithmos.

Entre pois na exposição com toda a minha incompetencia em arte; mas com uma tal o qual intuição do bello, que, segundo penso, deva ser commum a to jo aquelle que tenha uma certa cultura intellectual, e que, á custa de ter visto ouvido, lido e observado, tenha adquirido uma tanta emotividade, quero dizer, bastante predisposição para sentir o deleite produzido pelas bellas produções de uma das artes mais bellas.

Productos de um esforço humano intelligente, instruido, disciplinado e perito a pintura e a escultura ficam; fazem-se sentir atravez dos tempos enquanto duram, falam por si: basta o regalo de abrir os olhos deante d'essas manifestações da arte para as sentir; não depende o enlevo que produzem do esforço actual de ninguem, subsistem, e como que eternizam a impressão genial de que brotaram e lhes deu a fórmula, o ser.

E' por isso que a pintura, principiando por atrahir a attenção, obriga depois a uma observação mais cuidada, e quantas vezes acaba por nos enlevar no entusiasmo da admiração!

Foi por este entusiasmo que me senti dominado deante da grande tella *Geranios e malva-rosa*.

A contemplação e exame das tellas e desenhos suspensos nos tres lanços de parede desde a esquerda á entrada do vasto e amplo salão, illuminado, como que a céu aberto, atravez da cupula totalmente envidraçada, foram, por assim exprimir, o fio suave e misterioso que me preparou o caminho para as impressões que me esperavam ao defrontar com o ponto culminante.

Levei todo um primeiro exame de pé e de passeio, como a quantidade e exposição dos quadros exigia; volto depois a um segundo exame de um ou outro quadro para fixar mais uma impressão, para melhor saborear um qualquer detalhe; e na quarta parede, á direita de quem entra, pendia isolada uma grande tella d'onde destacava uma figura humana a mover-se sobre um fundo de verdura, a que serviam de esmalte, como candentes brazas, as alegres flores dos geranios.

Achei por fortuna um assento na extremidade de um agrupamento de muitos outros, que a concorrencia dos espectadores deixara desoccupados. Seria o acaso que assim o situara? seria trazido para ali pela fina intuição de um delicado espirito?

Sentei-me ao acaso, e fiquei sob o dominio da grande tella.

Tanta frescura, tanta mocidade, tanta vida, e que delicioso encanto nos detalhes!

Se não me engano nas parencas do modelo da figura, Carlos Reis deveu reproduzi-lo com tanto amor como enternecimento. São estes os sentimentos que logo á flux resultam. Estou a surprehender-lhe o sorriso de satisfação ao passo que o seu pincel lhe mostrava alegres, scintillantes e animados aquelles olhos acariciadores de nm fugitivo azul, atravez das transparencias da sombra que sobre a parte superior do rosto da gentil rapariga projectava o modesto chapeo de palha; e o modelo, sentindo quando de sua alma o artista estava pondo naquelle seu trabalho,

sorria lhe com esse riso candido, que já não é o da criança; mas que ainda não se inflama com os envaidecimentos da mulher. E tudo isto eu decifrei na grande tella: a alma do pai e os suavissimos affectos da filha.

Os dous que me perdõem se me engano ao personalisal-os, em uma presunção simplesmente minha.

Escuso de dizer que a figura principal do quadro é uma donzela que poderá ter de uns quinze a dezoito annos; está vestida de branco, e branco é tambem o fino avental, que uma aragem mais buliçosa levanta e enrola na parte inferior; segura pelo arco enfiado no braço esquerdo o pequeno cabaz em que deposita as flores cortadas; o chaqueu de palha collocado descuidadosamente defende-lhe contra o sol, com as abas longas e cahidas, apenas a parte superior do rosto.

Na sombra o olhar modesto e virginal, nos labios um sorriso de sol, de mocidade em flôr.

Estas as impressões que me sugeriram os *Geranios e as malva-rosas*, impressões que ainda subsistem, e presidem á factura d'estas linhas, depois de longas horas decorridas desde aquella em que lhes tributei minha primeira admiração.

Lisboa, 10 de janeiro de 1913.

SILVA MATTOS.

Inéditos de Eduardo Garrido

Do antigo colaborador do OCCIDENTE e nosso presadissimo amigo rev.^{to} Antonio de Almeida, recebemos a seguinte carta que, muito gostosamente publicamos:

Casa das Gaieiras

18-1 913

Meu caro amigo

Chegou a esta casa n'um dos ultimos dias de julho de 1911 o Eduardo Garrido. — Ha nomes tão consagrados pela admiração publica, que opôr-lhes qualquer das formas protocolares do bom tom é estragal-os.

Vinha alquebrado, merencóreo.

— Que se achava muito doente!

— Que tinha resolvido veranear nas Caldas da Rainha, e de caminho experimentar um pouco aquellas thermas no tratamento da sua velha bronchite, mas não tinha alcançado melhoras, e por isso retiraria brevemente. . . . não sem vir aqui ver os seus sobrinhos, e matar saudades do seu viver de môço com o sr. José Pinheiro, seu bom cunhado e melhor amigo, e excellent companionheiro de bellos bons tempos! . . .

— Mas, por que não fica o Tio por cá uns dias! . . .

Ficou. Depois resolveu demorar se. Melhorou bastante. Achou carinho filial, conforto abastado, socêgo o bem estar que o livraram por completo de pensar no dia d'amanhã, essa coisa que tanto entibia, prende e atrapalha mesmo os melhores espiritos e até ás vèzes os feitos mais boémios. . .

Ficou. Os carinhos não affrouxaram; o bem-estar não soffreu descuros da parte de quem tão espontânea e filialmente caprichava em o produzir, e o Eduardo Garrido *foi-se deixando estar*, apezar das repetidas guinadas do seu feitio boémio, e dos seus habitos de *boulevardier* parisiense, que lhe pediam Paris, Nice, aqui, acolá, — a sua antiga vida de Eduardo Garrido!

Para matar o vício, e os seus ocios, *botou-se a escrever uma comédia* — que foi a sua melhor obra, como elle tantas vezes nos disse, e infelizmente a sua ultima produção!

O Garrido dizia aqui:

— Eu nunca tive vagar de escrever á minha vontade! Tudo quanto escrevi, apressadamente sempre o fiz! Só escrevia quando urgencias financeiras a isso me obrigavam. Encomendavam-me as coisas, e eu. . . ia adiando, e só abandonava a trabalhar quando não podia de todo em todo adiar a coisa!

Mas agora, esta peça tenho-a trabalhado com todo o cuidado! Julgo-a a minha melhor obra.

Chama-se a peça — *A Preza de Kalf* — (O titulo da peça é, de per si, um dos muitos *doubles sens* em que o Garrido era fertile!

Preza por que a heroína da peça esteve em carcere privado: *preza*, por que o carcereiro conservou a preza, tanto quanto poude, por que a queria para elle como rica herdeira que havia de ser.

E' de muito effeito e lindissimo espectáculo. Brilhantissima para os olhos, e finissima para os

ouvidos. O cenário está detalhado, descripto com aquelle esmero e clareza, nos quaes o Garrido era especialista quasi unico. Mette bastante musica. Póde porém, sem inconveniente, representar-se sem a letra cantada, visto que esta não influe indispensavelmente na comédia!

E, para não estirar mais esta minha gatafunhança, ponho lhe aqui já uns trechos da peça.

Um dos feitiços litterarios do Garrido é o trocadilho, o calemburgo, como disse o Garrett, o duplo sentido. — Exemplo (Dialogo):

«Já tu vês que não podes aspirar a uma rapariga como ella...»

— Com moella...! E' galinha!

(Falava se d'um castello onde apareciam phantasmas).

— Quem nos diz que não esbarrava com uma alma desalmada!...

— Tu, tambem, o teu sonho dourado é viver com as pernas de braços cruzados!

(Dialogo, depois d'um banquete ruidoso).

— Tomar a sério uma traição feminina, é querer passar a vida de espada na mão!

— Apoiado!

— Prefiro os copos!

— Tambem eu: aos da espada, os do Champagne...!

— Todos nós!

— Fica então decidido:

se amigos nos roubaram as amantes,
amigos ficaremos como d'antes!

— Mas falam em verso endecassilabo!

— E' verdade!

— Quer-me parecer que o Conde não está muito pelos autos...! Já terá medo?!

— Medo, eu! — pelo contrario...! Acho até muito vantajoso para mim.

— Ah!...

— Por que, não tendo sombra de amante, nem por sombras me arreceio de que m'as roubem.

— O quê! nem sombra?!

— Nem sombra da sombra!!

(No tocante ao *vaudeville*.) Um verso a sério — (Tempo de valsa:)

«Quero esquecer quem tanto amei,
«Quem tanto amar-me então jurou;
«E ao qual, oh! dôr!
«Nunca inspirei
«O louco amor
«Que m'inspirou!

(Uns versos cómicos, e em dialogo:)

— Do amor mais terno e mais profundo

Zombavas tu d'um modo atroz!

— A voz das almas do outro mundo

M'embargava a voz...!!

— Mas não se ouve nada!!...

— Tem razão: Só se ouve que não se ouve nada!!...

E aqui tem, meu velho amigo, o que *à vol a'oiseau* lhe posso, tão repentinamente, mandar. Os senhores d'esta casa possuem trez exemplares da peça: o primeiro, feito; o segundo, emenda do primeiro; e o terceiro, emenda e correção dos dois. Conversava por cá muito com o Garrido. Passo n'esta casa muitos dias. E' a minha casa, tirante o meu presbytério obidense. Não tenho ideia de quem saiba trabalhar, melhor do que elle, o portuguez. Nunca vi equal facilidade em escrever: nem rythmo tão natural no versejar, nem *espirito* tão espontâneo no falar! N'estas coisas parecia que tinha trinta annos e saúde perfeita, elle que era mais velho do que eu, e curtia a angina-pectoris que o matou!

Sendo um boémio incorrigivel: tendo-lhe d'isso advindo bem más horas — e *até dias* — teve um fim de vida tão bom quanto, posto a sua doença, e poudo ser n'uma casa rica, onde todos o estimavam e tratavam como a *enfant gâté*.

A ex.^{ma} dona d'esta casa é uma senhora muito culta, grande admiradora de tudo quanto é arte,

artista (costella Garrido?) ella propria: o dono é Ferreira Pinto Basto, filho do sr. Eduardo Pinto Basto, e basta, como diria o nosso Garrido.

A sr.^a D. Emilia Pinheiro Pinto Basto, é a beneficencia, praticada por meio da assistencia medica, e pelos soccorros economicos, já n'esta grande povoação, já por todas estas cercanias.

Raro o dia em que alguém não bate cá á porta:

— A senhora?

— Está.

— Tenho o filho, este, aquelle, esta e aquella, com uma dôr, muito doente, fez uma ferida, etc., etc. — se a senhora podesse valer-me!...

E lá vae a sr.^a D. Emilia... e lá vem, logo em seguida, alguém buscar a caixa da botica ambulante... Se o caso é muito grave — vá já o creado fulano buscar o médico!

Providencia dos desprovidos. Sendo-o quê, admira que o nosso Garrido encontrasse nesta casa, no seio carinhoso d'esta familia tudo o que elle encontrou, como acima aponto.

A monographia Garrido, bem feita, seria coisa de valôr instructivo, e de nota gloriosa para as letras patrias.

— Que a faça eu?... Não chêgo lá.

Estou velho — 65 annos — cançado, e um nadita descrente nos productos d'estes estudos. Fazia-se a coisa. Seria apenas lida por uma meia duzia...

Não vale a pena — das pennas, sequer, que se gastariam com isso.

Para mim? Para esta excellente ex.^{ma} familia?

Cá sabe se, muito melhor do que em qualquer parte, quanto valia, quam grande era o merito litterario do Tio Garrido. Esse pergaminho honrosissimo já cá está junto aos tantos scientificos, litterarios e financeiros, d'esta casa, d'esta familia composta de Pinheiros, Fonsêcas, e Garridos, e Pintos Basto, actualmente. Não lhe tomo mais tempo. Em eu podendo ahi ir para falar mos um tanto do nosso Eduardo Garrido.

E até sempre. Não cuide o meu amigo que, por ás vezes estarmos largas temporadas sem nos vermos presencial ou virtualmente, não continuo a ser-lhe, e a todos os seus

Sempre o mesmo

PADRE ANTONIO.

O MEZ METEOROLOGICO

Janeiro 1913

Barometro — Max. altura 771^{mm}.1 em 22.

» Min. altura 757^{mm}.5 em 9.

Temperatura — Max. altura 16°.0 em 23.

» Min. altura 6°.0 em 22.

Nebulosidade — Ceu nublado 20 dias.

» Ceu encoberto 11 dias.

Chuva — 116^{mm}.2 em 20 dias.

Em 17, o pluviometro accusou 18.0 millimetros

e em 24, 29^{mm}.1 com trovoadas.

N.voeiro — Em 2, 18, 22 e 26.

Litteratura estrangeira

VIII

«A Marquezinha» — romance de Feliciano Champsaur.

Fóra das edições vulgares da livraria Guimarães & C.^a acaba de ser lançado a publico esse lindo romance passionnal cujo entrecho é algo empolgante, finalizando de uma fórma que foge aos conhecidos e repisados fechos de alguns romances do genero.

Trata-se de uma rapariga que, vilipendiada physicamente por um irmão, a quem, num accêso de cólera mal contida, mata, por fim morre assassinada mysteriosamente, não por aquelle com quem vivia, mas por um amigo d'este. O innocente, porém, é que é preso e deve vir a soffrer as consequencias do um crime que não commetteu.

Eis, nas suas linhas geraes, o que é o romance de Feliciano Champsaur — *A Marquezinha* — que tem magnificos descriptivos cuja leitura não enfastia, antes agrada e distráe.

E' um romance passionnal, vívido, impressionante cuja traducção, cuidada e correctá, é devida á penna de Chagas Franco, um dos bons traductores da casa Guimarães & C.^a, a quem agradecemos a gentileza da offerta da *Marquezinha*.

IV-XI-CMXII.

IX

Breves palavras sobre a 2.^a edição da «Sapho», romance de A. Daudet.

A conceituada livraria Guimarães & C.^a, que prima sempre em apresentar bons romances na sua economica *Colecção Horas de Leitura*, acaba agora de pôr á venda em segunda edição e nova traducção um lindo romance de costumes parisienses, de que é auctor o primoroso escriptor Affonso Daudet e que se chama *Sapho*. E' um bellissimo romance cuja nova traducção foi confiada ao dr. Carlos José de Menezes, traductor a quem sempre temos tratado com a maxima justiça e deferencia para que nos tornemos salientes dizendo mais uma vez que *Sapho* está de tal modo vertido em portuguez que é um encanto lê-lo.

Sobre o merito do livro nada diremos, porque decerto os nossos leitores já o conhecem.

Agradecemos aos nossos bons amigos Guimarães & C.^a a amavel offerta com que nos distinguem.

XVI-I-19XIII.

X

«Iniciação filosofica», por Emilio Faguet.

E' o VIII volume da *Biblioteca de Educação Racional*, sendo a traducção do conhecido auctor-publicista José Simões Coelho, cuja competencia desnecessario se torna encarecer.

Este volume — dividido em tres partes: *A Antiguidade; Na idade media; Os tempos modernos* — encerra 24 capitulos, todos elles interessantes e o seu fim é abrir caminho ao estreante, a satisfazê-lo e, principalmente, a excitar-lhe as primeiras curiosidades. O auctor crê que lhe dará sufficiente impressão dos factos e das ideias; embora rapidamente ficará conhecendo desde as origens mais afastadas aos ultimos esforços do espirito humano. Será talvez um commodo elucidario que o levará a analysar, em largos traços, o espirito geral de uma epocha que lhe succede ou que a antecedeu.

«Terá cumprido — assim escreve Emilio Faguet na *Iniciação*... cujos topicos exarámos acima — a sua missão se conduzir o espirito do alumno a investigar e a meditar sob uma fórma justa...»

E mais não podemos dizer porque seria tirar o valor ao livro que é preciosissimo.

A' casa editora — Guimarães & C.^a — e quasi seria excusado citá-la porque é actualmente a que mais produz — agradecemos a remessa do exemplar.

XX-I-19XIII.

RUY DE ABGIM.

O Salva-Vidas «Cêgo de Maio» e os seus tripulantes

Ainda a proposito do naufragio do vapor inglês *Veronese*, nos rochedos da praia da Boa Nova, temos hoje que nos referir especialmente ao Salva-Vidas *Cêgo de Maio* e aos seus tripulantes que tão humanitarios quão valorosos serviços prestaram no salvamento de naufragos daquelle vapor.

São os poveiros homens de singular robustes e corpulencia atletica, de regulares feições, aloirados e olhos azues, dando um bom tipo saxonio. Têm, em geral, indole docil, que não impede de serem valentes e de se baterem a sôco quando se desavêm com algum companheiro.



O SALVA-VIDAS «CÊGO DO MAIO» E OS SEUS TRIPULANTES QUE SALVARAM PARTE DOS NAUFRAGOS DO «VERONESE»

(Fotografia de J. Lopes Pereira, cliché da «Mala da Europa»)

Nas suas questões mais renhidas a sua arma é a pedra ou um pau; navalha ou arma de fogo são coisas a que têm horror.

São assim, uns verdadeiros valentes, conscientes da sua prodigiosa força, incapazes de praticarem uma cobardia ou uma traição.

Com estas belas qualidades, eles encaram os trabalhos da sua afanosa vida com rara coragem, não os atemorizando facilmente os perigos do mar, sendo as tempestades, por assim dizer, o elemento em que experimentam as suas forças.

Eis porque os poveiros são os homens mais destemidos para o mar, que eles conhecem desde que nascem e ao som dos seus rugidos ou das suas melopêas foram embalados.

A praia na costa, sem abrigo, defronta se com o Oceano e são frequentes ali os naufragos dos barcos de pesca, para o que basta muitas vezes umas rajadas de vento mais forte; por isso o poveiro está sempre a postos para socorrer os seus companheiros em perigo, sendo todos por um e um por todos.

Contam-se por centenas os naufragos salvos, com eminente risco dos salvadores.

Quem pudesse recolher notas dos actos de dedicação e humanitarismo praticados por estes homens dotados destas grandes virtudes, escreveria uma historia dramático-tragica das mais comovedoras impressões.

Algumas notas dessa historia encontram-se dispersas nos noticiarios dos jornaes de ha, pelo menos, meio seculo a esta parte.

Agora forneceram os poveiros mais uma nota a registrar com o salvamento de uma boa parte dos naufragos do *Veronese*, em que a par de tantos homens dedicados que praticaram prodigios de abnegação e valôr para salvar aqueles infelizes, deram o maior concurso os poveiros com o Salva-Vidas *Cêgo de Maio*.

Este Salva-Vidas existe na Povoia de Varzim ha 56 anos. Tem o nome de um heroe do mar, o celebre pescador Maio, de que o OCCIDENTE se occupou em tempo, nas suas paginas. Neste mais de meio seculo a quantos naufragos tem acudido este barco de salvação!

Sob o comando do seu actual patrão Lagôa, já ele salvou 86 naufragos. Ainda no naufragio do *S. Rafael* este Salva-Vidas prestou serviço, e no salvamento dos naufragos se distinguiu o tripulante David Francisco Marques da Rosa, que jogou a vida indo ao fundo do *S. Rafael* salvar um naufrago, o que mereceu grandes e sinceros aplausos, sendo nessa occasião abraçado pelo sr. Cabeçadas, immediato do navio.

São 15 os tripulantes do *Cêgo de Maio*. Seguindo pela ordem que se vê na gravura, da esquerda para a direita, são estes seus nomes: Manuel Antonio Ferreira, o *Lagôa*, patrão do Salva-Vidas; Manuel Antonio Ferreira Junior, *Lagôa*, segundo patrão, David Antonio Ferreira *Lagôa* e Carlos Antonio Ferreira *Lagôa*, filhos do patrão *Lagôa*; José da Silva Braga, o *Piroqueiro*; José Francisco Marques, o *Chavão*; Manuel Jacob; Francisco Ferreira Maravalhas; David Francisco Marques da Rosa; José Gonçalves Gabina; Josefino Milhazes; Joaquim Pereira Rajão; Joaquim Capitão; José Lopes Macieira e João Gonçalves Gabina.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.^a

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromoypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A. COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815

Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRE.S. Trajes de rigor, forrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30\$000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13\$500 réis e dos melhores tecidos inglezes desde 22\$000 réis. Ha sobretudos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carns de Pedro Franco & C.^a, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCI- DENTE»

Em percalina com letras a ouro,
encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos,
eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200